

REDE DE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E EAD: UMA EXPERIÊNCIA DE COAPRENDIZAGEM

Daniela Melare Vieira Barros

Universidade Aberta
Portugal
dmelare@gmail.com

Alexandra Okada

Open University
Inglaterra
bgta.l.p.okada@open.ac.uk

Susana Henriques

Universidade Aberta
Portugal
shenriques@uab.pt

Resumo

A aprendizagem colaborativa é um dos eixos centrais para o desenvolvimento educativo na atualidade. As mudanças nos processos de comunicação ao longo dos anos facilitaram a prática dessa aprendizagem, orientadas para uma dinâmica de comunicação de muitos para muitos e não somente de um para um. Além disso, digitalizaram-se os espaços para qualquer tipo de comunicação criar seu próprio registro e história, facilitando condições para que o colaborativo fosse desenvolvido. Nesse contexto a colaboração surge como um movimento para a aprendizagem informal, partindo de processos de relacionamento com objetivos comuns. O presente artigo tem por objetivo apresentar a rede de estilos de aprendizagem e ead e a dinâmica que realiza para facilitar a coaprendizagem. A reflexão das autoras destaca uma investigação em desenvolvimento sobre coaprendizagem e coinvestigação na Comunidade de Aprendizagem – Colearn da Open University, UK. A metodologia utilizada no estudo apresentado é a descritiva

suportada por referenciais bibliográficos que possibilitou resultados interessantes que concordam com as questões de pesquisa levantadas, em específico, quais os elementos que compõe a coaprendizagem nas redes.

Palavras chave: redes, coaprendizagem, aprendizagem colaborativa.

NETWORK LEARNING STYLES AND EAD: AN EXPERIENCE OF CO-LEARNING

Collaborative learning is central to the educational development today. Changes in communication processes over the years facilitated the practice of this learning - oriented dynamic communication from many to many and not just one to one. Additionally , the spaces were digitized for any type of communication create and record their own history, facilitating conditions for collaborative work were developed. In this context collaboration emerges as a movement for informal learning, from relationship processes with common goals .This article aims to present the network of learning styles and distance education and what done to facilitate co-learning .The reflection of the authors mentions a research and development on co-learning in coresearch in Learning Community - Colearn Open University, UK. The methodology used in the presented study is supported by the descriptive bibliographic references with interesting results that agree with the research questions, in particular , what elements make up the co-learning networks.

Keywords : networking , co-learning , collaborative learning .

Contextualização

O presente artigo tem por objetivo apresentar a rede de estilos de aprendizagem e ead e a dinâmica que realiza para facilitar a coaprendizagem. Justificam-se as reflexões desenvolvidas pela importância do tema da aprendizagem colaborativa

online, em especial como utilizar esse potencial para a aprendizagem dos indivíduos. Acrescenta-se a isso o desenvolvimento das redes sociais e dos processos de coaprendizagem.

Para tanto, o estudo desenvolvido de foro qualitativo, realizou uma análise descritiva suportada por referenciais bibliográficos, reflexões e discussões a partir da investigação em desenvolvimento sobre coaprendizagem e coinvestigação dentro da Comunidade de Aprendizagem – Colearn da Open University UK (Okada, 2012), juntamente com o tema das redes e comunidades de aprendizagem (Henriques & Oliveira, 2012), a pesquisa anteriormente desenvolvida sobre os estilos de uso do espaço virtual (Barros 2013) e as experiências relacionadas ao tema com a rede de estilos de aprendizagem e ead.

O desenvolvimento do percurso científico tem a seguinte sequência: os procedimentos metodológicos utilizados para o contributo ao pensamento que aqui será proposto; a seguir, o tema das redes e a coaprendizagem, na continuação as reflexões sobre o desenvolvimento da rede de estilos de aprendizagem e EaD e suas possibilidades com a coaprendizagem e a coinvestigação.

1.Procedimentos Metodológicos

Este estudo é parte de uma investigação em desenvolvimento cuja metodologia se baseia em estudo de casos suportados por análises qualitativas sobre a Coletividade COLEARN. O COLEARN – Coletividade de Aprendizagem Aberta Colaborativa – surgiu como uma comunidade com foco em tecnologias para a aprendizagem colaborativa em 2006 durante o projeto OpenLearn de Recursos Educacionais Abertos da Universidade Aberta do Reino Unido. Atualmente, existem mais de 3.500 membros que têm usado o *LabSpace* (<http://labspace.open.ac.uk/>), um ambiente aberto de aprendizagem virtual baseado em *Moodle*.

Dentro do Colearn existem vários projetos que em sumula visam: desenvolver um

ambiente de trabalho para coaprendizagem baseada em coinvestigação com tecnologias sociais, personalizadas, analíticas, colaborativas e móveis. A comunidade Colearn, propicia a coinvestigação e construção coletiva, tanto formal como informal, ou seja, visa criar oportunidades para que os coaprendizes possam interagir com suas investigações em situações do cotidiano, na escola e na universidade (Okada, 2012).

Os estudos sobre a coaprendizagem são realizados a partir das ações, interações e participações dos colaboradores no espaço da comunidade e na forma como partilham e colaboram. Os dados são as experiências e observações sobre os posts e as dinâmicas de interação realizadas sobre o seu conteúdo. Para além disso o trabalho realizado na rede de estilos de aprendizagem e ead trouxe uma série de elementos e dados que constituíram reflexões para a coaprendizagem baseada na coinvestigação. Pretende-se ainda contribuir para discussões e reflexões na construção coletiva e aberta sobre a colaboração e seus efeitos na forma de aprender e ensinar em contextos online de ensino superior.

2. Comunicação e a colaboração para a coaprendizagem

As discussões sobre o tema da comunicação na área da educação estão sempre no entorno ferramentas e modelos, aqui neste artigo, ressalta-se a comunicação e a colaboração para a aprendizagem.

Os processos de comunicação foram, com o advento das tecnologias digitais, ampliados e dimensionados na chamada cibercultura, isso sem dúvida foi um movimento decisivo para muitas mudanças no contexto das relações sociais e educativas. Habermas (2003) menciona que um ato de comunicação constitui sempre uma ação efetuada por um sujeito, pois os intercâmbios do próprio pensamento obedecem também a uma lei de equilíbrio, a qual, constitui um agrupamento operatório, uma cooperação, mesmo que interna. A promoção dessas cooperações internas e externas podem ocorrer por diversas vias, como por exemplo os espaços virtuais e suas interfaces como os ambientes de

aprendizagem.

Essa cooperação interna e a externa contribui diretamente para um agir colaborativo em um ambiente de aprendizagem. É como um espaço presencial em que o diálogo se constitui e as pessoas se comunicam mediante proposições que surgem e vão se constituindo a partir da própria comunicação.

Sobre o diálogo na comunicação, dentro de um ambiente de aprendizagem, podemos referenciar as contribuições de Paulo Freire (1997, 2007) para a formulação de um modelo de comunicação horizontal e democrático. Freire partiu do princípio de que a comunicação é a que transforma essencialmente os homens em sujeitos. Com esta base formulou sua proposição fundamental de que a educação, como construção compartilhada de conhecimentos, constitui um processo de comunicação no diálogo, porque se gera através de relações dialéticas entre os seres humanos e com o mundo.

As relações dialéticas são os elementos centrais para um processo educativo amplo e consciente. Podemos dizer que essas mesmas relações são mediadas atualmente com o digital e seu formato de comunicação, mas que essa mediação tem um papel muito significativo na própria dialética do processo.

Comunicação de muitos com muitos e de muitos com um e um para muitos, essa dinâmica de comunicação que a internet facilitou e desenvolveu, ampliou as formas de relação entre as pessoas. As relações modificaram-se em si mesmas, expandiram-se, flexibilizaram-se e de certa forma ficaram instantâneas. Como a dialética funciona nesse contexto? O único que podemos visualizar é que funciona de forma colaborativa, uma dialética com novas formas de mediação, criando assim outros estilos de comunicar e colaborar.

Nas análises de Tractenberg (2011, p.79) quando falamos de "cultura de colaboração" estamos utilizando esta última acepção: como um conjunto de conhecimentos, crenças, valores, símbolos, costumes e práticas de um grupo

social que têm como base ou como finalidade a cooperação, isto é, o trabalho conjunto e interdependente, a ajuda mútua.

A aprendizagem colaborativa pode ser compreendida como um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem desenvolvidos em grupos, que envolvem elementos sociais e pessoais (competências) onde cada pessoa é responsável, por sua aprendizagem e de certa forma pela aprendizagem dos demais (Palloff & Pratt, 2004). Na aprendizagem colaborativa a ênfase está na interação entre os participantes. Cabe ao(s) facilitador(es) ou moderador(es) propiciar situações de aprendizagem em que todos aprendam com todos (Palloff & Pratt, 2004). Aprendizagem colaborativa refere-se ao processo em que aprendizes trabalham em grupo, geralmente na produção de algo (um texto, um projeto, uma apresentação, um produto, etc.) Paulo Dias (2001, p.296) menciona que na aprendizagem colaborativa os estudantes são encorajados ou solicitados para trabalharem em conjunto na construção do conhecimento.

A aprendizagem colaborativa nas análises de Tractenberg & Struchiner (2011) trata de uma abordagem congruente com as perspectivas educacionais construtivistas, tais como o sócio-interaccionismo, a abordagem histórico-cultural da aprendizagem e a perspectiva da cognição distribuída. Apesar de ser aplicável a diversos contextos de ensino, a aprendizagem colaborativa pode ser particularmente interessante para se trabalhar com domínios complexos e fracamente estruturados. Isso, porque, a interação em grupo pode fazer emergir múltiplas visões, interpretações, conhecimentos e valores em torno dos problemas propostos, e, com isso, abrir espaço para a emergência de conflitos, negociações, argumentações voltadas para o consenso ou o dissenso, e tomadas de decisão pelo grupo (Harasim, 1997).

Justificar a importância de desenvolver estratégias para criar uma cultura de colaboração e formatos de trabalhos colaborativos nos faz pensar nas didáticas dos processos de aprendizagem online (Barros, 2012), mas que significa colaborar

a partir das diversas formas de aprender? Tendo por assertiva as diferentes formas de aprendizagem das pessoas, com elementos e características próprias, porque não pensar o que existe de colaborativo nessas formas e quanto podem contribuir para a coaprendizagem?

Okada (2012) explica que o termo coaprendizagem foi inicialmente definido, em 1996, por Frank Smith no livro “Joining the Literacy Club”. Este conceito foi descrito por Smith para enfatizar a importância de mudar os papéis tanto dos professores, como distribuidores de conhecimento, quanto dos estudantes, de recipientes de conteúdos para ‘coaprendizes’. Ou seja, parceiros no processo colaborativo de aprendizagem, na construção de significados, compreensão e na criação de conhecimento em conjunto. Outro autor – que discute o conceito uma década após – é Brantmeier (2005), que explica a coaprendizagem na interação centrada na aprendizagem colaborativa, incluindo a construção de uma verdadeira “comunidade de prática”, que conduz ao envolvimento dinâmico e participativo para a construção coletiva do conhecimento. Atualmente, com os rápidos avanços da Web 2.0, este conceito se tornou mais significativo, devido a diversas vantagens de criação e troca de conteúdo gerado por usuários, rápido compartilhamento de informações, alta interoperabilidade, design centrado na aprendizagem colaborativa e social em rede.

Pensar formas de coaprendizagem – aprendizagem aberta colaborativa (Okada, 2008; 2012) nos espaços online facilita os questionamentos sobre o “como” e “de que forma” estes espaços podem se tornar mais produtivos e acessíveis para construção coletiva de conhecimento. Okada (2012) destaca que a aprendizagem com a Web 2.0, Recursos Educacionais Abertos e Redes Sociais vem já ocorrendo de modo informal, principalmente entre usuários que têm domínio das tecnologias. Entretanto é necessário desenvolver competências mais avançadas para beneficiar-se não somente da coaprendizagem nos espaços colaborativos da Web 2.0 mas também das interfaces semânticas da Web 3.0. Observa-se que para quem tem maior facilidade com “aprender a coaprender” na Web pode

usufruir ainda mais de buscas avançadas, redes inteligentes, serviços automatizados e ambientes personalizados.

A coaprendizagem pode ocorrer em espaços múltiplos, sejam os formais – escola, visitas guiadas, universidade – incluindo ambientes online institucionais na web 2.0; como também redes abertas e espaços inteligentes da web 3.0. Todos estes papéis ajudam os usuários a produzir e disseminar mais conteúdos, estratégias e práticas úteis.

Devido à filosofia de abertura, o processo de coaprendizagem é enriquecido através de uma ampla participação para cocriar, readaptar e reutilizar conteúdos e estratégias para aprender, de modo muito mais aberto do que nas gerações anteriores. Segundo Barros, Okada e Kenski (2012) todas essas características destacam a importância da coaprendizagem onde coaprendizes desempenham papéis importantes, tais como: cocriação REA, compartilhamento coletivo de *feedbacks* e comentários, co-orquestração de sua produção e socialização em rede do processo de coaprendizagem, bem como dos caminhos de aprendizagem aberta colaborativa. Neste contexto assumem particular importância as redes e comunidades de aprendizagem, sobre as quais nos iremos deter a seguir.

3. Redes e comunidades

A experiência das redes e comunidades tal como as temos vindo a enunciar, implica a existência de um suporte tecnológico. Nesta interceção entre comunidades e tecnologia existem algumas tensões, das quais Wenger et. al (2005) destacam duas fundamentais. A primeira relaciona-se com o facto da comunidade implicar uma experiência continuada de união (*togetherness*) que se expressa no tempo e espaço e em relação à qual o desafio da tecnologia é o de proporcionar o desenvolvimento de recursos que permitam a continuidade dessa união apesar da separação no tempo e espaço. A segunda tensão envolve a relação entre comunidades e indivíduos, na medida em que as experiências e vivências individuais têm implicações nas relações dentro das comunidades. Além

de que existem múltiplas pertenças dos indivíduos a comunidades e redes diversas, implicando níveis de participação e envolvimento diferenciados. O volume e a complexidade destas pertenças implicam que cada comunidade tenha de desenvolver uma identidade capaz de gerar formas de participação significativas. Nestes esforços, o papel da mediação tecnológica da união pode ser determinante nas principais atividades das redes ou comunidades de coaprendizagem e coinvestigação que aqui analisamos. Nomeadamente: interação (discutir questões, posicionar-se criticamente face a conteúdos, formular questões e respostas, desenvolver tarefas, *brainstorm*, etc.); publicação (produzir, partilhar e reunir recursos relevantes para os membros, organizar repositórios comuns, etc.); tendência (cultivar a comunidade através da promoção da continuidade da união, e do entendimento da comunidade enquanto tal).

Nas redes ou comunidades que aqui nos propomos analisar, importa esclarecer que todos os membros contribuem para a união da comunidade, interagindo e publicando. Mas o desenvolvimento da tendência, o cultivo da comunidade é, em geral, assumido por uma pessoa (ou por um pequeno grupo). Em redes ou comunidades nas quais a união assenta na tecnologia, este aspeto assume particular relevância, na medida em que a gestão da rede é fundamental ao seu adequado funcionamento.

Desta articulação entre aprendizagem e investigação compartilhada numa rede ou comunidade tecnologicamente mediada resultam implicações a dois níveis. Por um lado, o papel da comunidade nos processos de aprendizagem e investigação e, por outro lado, o papel da aprendizagem e investigação nestas comunidades (Hoadlei, & Kilner, 2005). Lave & Wenger discutem esta relação recíproca entre comunidades e aprendizagem e sublinham que a sustentação das comunidades passa pela incorporação de novos membros através da aprendizagem. No caso em análise podemos acrescentar, através da coaprendizagem e da coinvestigação, como se poderá verificar a seguir. Ou seja, nas redes e comunidades analisadas evidenciamos formas de capitalizar estas relações,

complexas e dinâmicas, com fins educativos.

4.A Rede de Estilos de Aprendizagem e Educação a Distância

É importante compreender que temos um pensamento cada vez mais organizado em rede, a tecnologia molda a nossa forma de trabalhar, promove outra forma de estar. Segundo Dias (2013) em geral o que temos denominadas redes são espaços de interação e de partilha, são paisagens de conhecimentos, cenários que evoluem, são transformadores. Fornecem o sentido de expansão do individual para o coletivo. Dessa forma o conhecimento se constrói no sentido dessas redes, a essência do pensamento em rede é a mudança estrutural, mudança da forma de pensar conectando o formal com o informal, transformando práticas do dia a dia em informações e em diálogo.

A rede de estilos de aprendizagem e educação a distância tornou-se um espaço online de grande interação e construção de conhecimento colaborativo. O tema e o interesse na construção de uma rede assim surgiu no mês de maio de 2009 onde aconteceu um dos primeiros eventos brasileiros de grande escala totalmente online: o 7º SENAED (Seminário Nacional de Educação a Distância) Esse encontro foi promovido pelos pesquisadores brasileiros respeitados na área e com o apoio da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância). Tivemos a oportunidade de integrar esse espaço virtual organizando um grupo de discussão sobre estilos de aprendizagem e educação a distância. Para nossa surpresa a adesão de inúmeros colaboradores foi imensa e as discussões foram amplas em uma semana de evento. As perguntas e reflexões foram tão interessantes que resolvemos organizar um material colaborativo com o intuito de teorizar sobre os estilos de aprendizagem e educação a distância e colaborar nas discussões e questionamentos apresentados. Este artigo está publicado na revista de estilos de aprendizagem (Barros, 2010, <http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/>).

A partir desses resultados, organizamos a rede e convidamos os participantes para integrarem esse espaço contínuo de reflexões sobre o tema. A rede teve

grande adesão e aqui apresentaremos um pouco o desenvolvimento desse trabalho, sua gestão, a liderança, a forma de aprendizagem em colaboração e as potencialidades desse espaço virtual para a área de estilos de aprendizagem e educação a distância.

A rede tem por objetivos possibilitar um espaço de discussão sobre os estilos de aprendizagem e a educação a distância, promover interações e colaborações entre pares, divulgar informações e criar um espaço de coaprendizagem entre os seus membros. A rede não está somente em um recurso online, mas utiliza outras interfaces da web 2.0 para disponibilizar conteúdos e dar espaço para a comunicação entre os colaboradores. A opção web 2.0 está diretamente relacionada à facilidade de serviços e usabilidade dos mesmos para grande quantidade de colaboradores.

Esta rede está aberta a todos que tiverem interesse em participar, existem blogs e discussões sobre temáticas relacionadas a estilos de aprendizagem e educação a distância. Além disso, a comunidade começa a gerar outras possibilidades como contatos, cursos, parcerias e com isso fortalecendo os laços acadêmicos. Para integrar-se a rede, somente é entrar na ferramenta Google plus e em comunidades, buscar pelo título da rede: 'Estilos de Aprendizagem e EaD' ou buscar no facebook a denominação Congressos de Estilos de Aprendizagem.

O mais importante da criação desta rede está em dar oportunidade de desenvolvimento de temáticas como a educação a distância e seus aspectos pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem. Ressalta-se que este é o primeiro espaço de discussão online sobre este tema e estará gerando muitas pesquisas e experiências sobre o mesmo.

5. Identificando a Coaprendizagem na rede

O planejamento sobre como originar a coaprendizagem entre os participantes de uma rede foi desenvolvido a partir das reflexões e investigação realizada por

Okada (2013) recentemente publicado no âmbito da comunidade Colearn a partir de estudos que aí se desenvolveram. O fruto dessas investigações trouxe para os estudos sobre aprendizagem nas redes o trabalho publicado recentemente sobre as competências chaves para coaprender e coinvestigar na era digital.

A coaprendizagem baseada em coinvestigação requer e propicia o desenvolvimento de várias habilidades relacionadas com a Literacia Científica: formular questões científicas, definir metodologias, realizar coleta de dados, implementar análise, discutir interpretações dos resultados e realizar comunicação da pesquisa com evidências, obtenção de feedback, avaliação em pares e disseminação para impacto (Okada, Meister e Barros, 2013).

Todas essas etapas da coinvestigação podem ser facilitadas na Web 2.0 através dos ambientes em rede via diversas interfaces colaborativas: blogs, páginas wiki, mapas (Cartografia Investigativa).

Todos esses fatores da coaprendizagem (Quadro 1) podem contribuir para que indivíduos possam atuar de forma mais participativa, discutindo, compreendendo e contribuindo para os avanços da ciência e tecnologia, bem como das políticas públicas; e assim, ampliar sua visão ético-científica decorrente do desenvolvimento pleno de suas competências.

Quadro 1 – Adaptado do Quadro Comparativo da evolução - Coaprendizagem baseada em coinvestigação (Okada 2012, 2013)

WEB 2.0 Co-Learning	
Tecnologias	Conhecimento e de redes sociais
Educação	Híbrida, aberta
Ambiente	Colaborativo em rede
Foco	Construção coletiva
Produção	Gerado por qualquer usuário
Conteúdo	Rede web, múltiplos formatos, materiais em vários canais, grande diversificação, variedade de interfaces digitais.
Formato	Aberto e diversificado – podendo incluir som, vídeo, animações...
Aplicativos	Aplicações Diversas e Abertas
Recursos Tecnológicos	Wikis, Weblogs, Redes Sociais, RSS feeds, peer-to-peer content bookmark sharing, social networking...
Recursos Educacionais	Alta granularidade, diversidade, variedade, atualização frequente, busca e

	WEB 2.0 <i>Co-Learning</i>
	compartilhamento automático.
Possibilidades	Edição com Autoria Compartilhada
Exemplos	Mapas em Wikis, blogs, LMS ...
Características	Espaços abertos para download, reedição e remixagem
Contexto	Aprendizagem Aberta com situações contextualizadas no mundo real
Status do Conteúdo	Conteúdo flexível e compartilhado com contextos específicos de aprendizagem.
Acesso	Acesso aberto, coletivo ou individual.
Design Educacional	Criação Colaborativa: Compartilhamento Reutilização – Aprimoramento Coletivo – Acesso Aberto.
Aprendizes	Comunidades de Coautores
Papel do Aprendiz	Agente ativo, social, colaborativo, coautor e cogestor do seu próprio processo de aprendizagem.
Papel do Educador	Facilitador da aprendizagem, mentor, gestor do contexto de aprendizagem aberta.
Autoria	Diversos autores, incluindo profissionais, e múltiplos coautores educadores e aprendizes.
Copyright	Licenças Abertas (ex. creative commons)
Avaliação	Realizado por comunidades de prática, aprendizes e educadores.

Para facilitar essa coaprendizagem nas redes é necessário o domínio de algumas competências para que avance os elementos identificados na coaprendizagem baseada na coinvestigação. Para tanto foi elaborada uma matriz das competências-chave da Era Digital em ambientes abertos para coaprender e coinvestigar. As competências foram desenvolvidas a partir de domínios constitutivos, interpessoais, cognitivos e instrumentais e disso surge um modelo denominado por (Okada 2013) como “C” como podemos visualizar Figura 1:

Considerando esses elementos, características e competências definidos pelo estudo realizado por Okada (2013), em articulação com os restantes contributos teóricos convocados, foi possível analisar o trabalho realizado na rede de estilos de aprendizagem e EaD como podemos verificar a seguir.

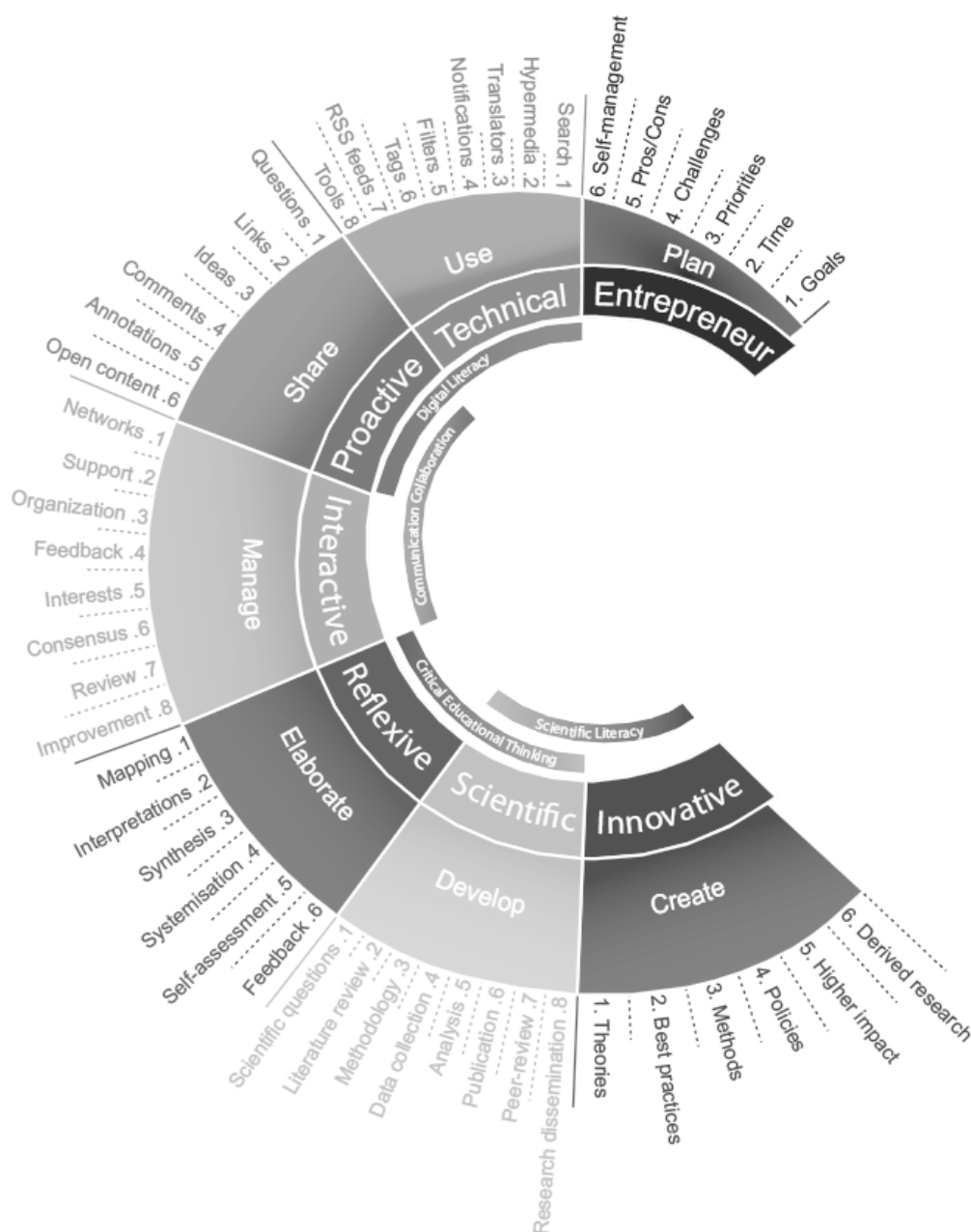


Figura 1- “C”competências para “c”oaprender e “c”oinvestigar (Rede Colearn, 2013)

Foi desenvolvido um curso intitulado “Estilos de Aprendizagem”, gratuito e feito a distância para grupos de até 30 pessoas. Foi um curso com carga horária de 30 horas, língua portuguesa como idioma comum. Teve por objetivo divulgar a teoria e ampliar os espaços de discussão online sobre o tema, além de unir pessoas

com interesses comuns. Participaram no curso interessados na temática e docentes de várias áreas do conhecimento. Os materiais foram frutos de pesquisa e investigações desenvolvidas. O ambiente online utilizado também foi da web 2.0 diretamente conectado a rede.

Também como desafio mais recente realizou-se a concepção, desenvolvimento e produção de um eBook sobre o tema dos estilos de aprendizagem, lançado em 2011. Esse eBook foi organizado pelos grupos temáticos agrupados por interesses e relacionados aos estilos de aprendizagem. Cada grupo realizou uma pesquisa e produziu um capítulo do e-book.

Em síntese podemos verificar que a coaprendizagem teve algumas das suas competências desenvolvida mediante uma série de atividades que facilitaram uma dinâmica de trabalho colaborativa (Quadro 2).

Quadro 2 – Síntese da dinâmica colaborativa da rede de estilos de aprendizagem e EaD

Rede de Estilos de Aprendizagem e EaD	Ferramenta web 2.0 utilizada	Atividades Realizadas	Indicadores da Coaprendizagem de acordo com a competências da Figura 1
1º	Google plus em Comunidade e Facebook	Lista de discussão entre os membros colaboradores	Participação e interação entre os membros da comunidade.
2º	Sites Google	Curso intitulado “Estilos de Aprendizagem” 30h totalmente online e assíncrono	Busca da informação. Pesquisa e trabalho colaborativo.
3º	E-book no Blog	Construção de um e-book por grupos.	Organização e planejamento do eBook

Para além destas observações, destacamos alguns indicadores do que foi desenvolvido na rede de estilos de aprendizagem e EaD que a caracterizam como uma rede de coaprendizagem:

- Participação intensa e interativa dos grupos na organização de pesquisas e em cursos realizados online.
- Realização de estudos e investigações em grupos online.
- Organização e planejamento para o desenvolvimento das atividades

propostas.

- Produção de artigos e material aberto e online.
- Coordenações interdependentes entre os pares na organização das atividades.

No desafio sobre o estudo da coaprendizagem pudemos identificar, dentro da experiência de uma rede colaborativa, que os indicadores mencionados caracterizam-se pela independência dos grupos mas ao mesmo tempo a interdependência da rede. Concretizando, verificamos que todos os participantes interagem, participam e todos contribuem para o êxito da atividade em grupos e depois na rede, apesar de se destacar a liderança de alguns para o desenvolvimento dos trabalhos em grupo e depois a partilha na rede e a avaliação coletiva do trabalho desenvolvido.

Desta forma, a rede de estilos de aprendizagem e EaD configura-se como uma comunidade em rede, de coaprendizagem e coinvestigação, assente na união tecnologicamente mediada (Wenger et. al, 2005). Contribuindo, desta forma, para sustentar a ideia de que a coaprendizagem está caracterizada pela nova dinâmica da comunicação da web.

Reflexão final

Em jeito de síntese, importa destacar que a rede de estilos de aprendizagem e EaD, descrita e analisada neste artigo, configurou-se como facilitadora de um processo de coaprendizagem dinâmico e interativo entre os seus membros.

A aprendizagem colaborativa é um dos eixos centrais para o desenvolvimento educativo na atualidade. Neste contexto, a colaboração é uma nova dinâmica para a aprendizagem, tornando-se assim um estilo com características e elementos interessantes da forma de aprender no virtual, um referencial dos estilos de aprendizagem e os fundamentos teóricos da pesquisa desenvolvida sobre os estilos de uso do espaço virtual. A análise realizada, tomando como suporte

empírico a rede de estilos de aprendizagem e EaD, permitiu desocultar informações sobre as dinâmicas individuais de aprendizagem no espaço virtual e as características da aprendizagem colaborativa aí presentes.

Consideramos, pois, que apresentar a rede de estilos de aprendizagem e EaD e a dinâmica que permitiu enquanto facilitador da coaprendizagem, serviu de base ao desenvolvimento de uma reflexão sobre as práticas e atitudes no âmbito de uma rede de aprendizagem. Os referenciais teóricos que sustentaram a investigação realizada ajudaram a compreender o trabalho que foi realizado e oferecer novas diretrizes para efetivamente ampliar as possíveis formas de coaprendizagem entre os participantes da rede. Não podemos deixar de sublinhar que a reflexão sobre a investigação em desenvolvimento de coaprendizagem e coinvestigação na Comunidade de Aprendizagem – Colearn da Open University, UK, também contribui para sistematizar e referenciar a análise apresentada e todo o trabalho em curso.

A coaprendizagem nas redes revela ser um elemento fundamental a tomar em consideração no desenvolvimento de estratégias para a formação. Através da construção partilhada de conhecimento e da coinvestigação pode-se responder de forma mais adequada a alguns dos desafios educacionais emergentes – novos (infoacessibilidades) ou redefinidos (diferenciação pedagógica). Estas são algumas das pistas a explorar no desenvolvimento das fases subsequentes do trabalho em curso.

Referências

- ALONSO, C. M.; GALLEGO, D. J.; HONEY, P. Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora. Madrid: Mensajero, 2002.
- BARROS, D.M. V. Estilo de aprendizagem colaborativo para o e-learning collaborative learning styles for e-learning. Revista Linhas, Vol. 12, nº 2 (2011) Disponível em:

- <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/index> . Acedido em: 20/06/2012.
- BARROS, D.M.V. Estilos de Aprendizaje y las Tecnologías: Medios didácticos en lo virtual. Editorial Académica Española, Madrid, 2012.
- BARROS, D.M.V Estilos de uso do espaço virtual: como se aprende e se ensina no virtual?, Revista Inter-ação, Vol.34, (2009) Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/6542> Acedido em: 4 / 03/ 2012.
- BARROS, D.M.V. Rede Social de Estilos de Aprendizagem e Ead In: XV Congreso Internacional de Tecnologías para la Educación y el Conocimiento, UNED, Madrid, 2010, Disponível em: <http://www.uned.es/infoedu/CIE-2010/index.htm>.
- DIAS, P. Collaborative learning in virtual learning communities: the TTVLC project. In DIAS, Paulo & FREITAS, C. Varela (Org.). Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2001. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.
- DIAS, P. Conferência de Encerramento In atas da viii conferência internacional de tic na educação, Challenge201315 e 16 de julho de 2013 Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: http://193.137.91.134/challenges/wp-content/uploads/2013/07/atas_challenges2013.pdf,
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE,P. Educação como prática da Liberdade. 30.ed, Paz e Terra, São Paulo, 2007.
- FREIRE,P. Extensão ou Comunicação?. 30.ed, Paz e Terra, São Paulo, 2011.
- GOULÃO, M.F. Ensino Aberto a Distância: Cognição e Afectividade. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, na Especialidade de Formação de Adultos, Universidade Aberta, 2002.

- HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. 2ed. Tradução de Guido A. De Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HARASIM, L. et al. Learning Networks: a field guide to teaching and learning online. Massachusetts: MIT Press, 1997.
- HENRIQUES, S. & OLIVEIRA, I. (2012), "A atividade de blogging no desenvolvimento de uma comunidade de investigadores: um estudo exploratório". In Matos, J. F., Pedro, N., Pedro, A., Patrocínio, P., Piedade, J., & Lemos, S. Em direção à educação 2.0. Atas do II Congresso Internacional TIC e Educação. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (ISBN 978-989-96999-8-4).
- HOADLEY, C. M. & KILNER. P. G. (2005) "Using Technology to Transform Communities of Practice into Knowledge-Building Communities", SIGGROUP Bulletin, Volume 25 (1) 31-40 em <http://tophe.net/papers/Hoadley-Kilner-SIGGROUP05.pdf> [acessado em 27 janeiro 2013]
- KERCKHOVE, D. A pele da cultura. Lisboa: Relógio D'água, 1995.
- KERCKHOVE, D. Inteligencias en conexión: hacia una sociedad de la Web. Barcelona: Gedisa, 1999.
- KOLB, D.A. & SMITH, S. User's guide for the learning-style inventory: A manual for teachers and trainers. Boston, TRGHayGroup, 1996.
- LAVE, J. & WENGER, E. (1991), Situated learning: Legitimate peripheral participation. Cambridge University Press, New York.
- LÉVY, P. (1996) O que é o virtual? São Paulo: Editora 34.
- LÉVY, P.(1993) As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34.
- OKADA, A., MEISTER, I. AND BARROS, D. (2013) Refletindo sobre avaliação na era da coaprendizagem e coinvestigação, 1st International Conference on Assessment and Technologies in Higher Education - CATES 2013, Portugal.

- OKADA, et al. (2013) Competencias-clave para coaprender y coinvestigar en la era digital. Colearn- Open Research Network-Knowledge Media Institute, Open University UK CCBYSA 3.0
- OKADA, A., BUJOKAS, A. (2012). Comunidades abertas de prática e redes sociais de coaprendizagem da UNESCO. In: Okada, A. (Ed.) (2012) Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development. London: Scholio Educational Research & Publishing.
- PALLOFF, R. M., & PRATT, K. O aluno virtual: um guia para se trabalhar com estudantes online. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- TRACTEMBERG, L., & STRUCHINER, M. Aprendizagem colaborativa baseada em pesquisa na web e na construção de mapas hipermídia in BARROS, D. M. V. et al (orgs.) Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas. Lisboa: [s.n], 2011. Disponível em: <http://livroeducacaoetecnologias.blogspot.com/>.
- TRACTEMBERG, L. Colaboração Docente e Ensino Colaborativo na Educação Superior em Ciências, Matemática e Saúde – Contexto, Fundamentos e Revisão Sistemática. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- WENGER, E., WHITE, N., SMITH, J. D., ROWE K. (2005) Technology for communities, CEFRIO em http://technologyforcommunities.com/CEFRIO_Book_Chapter_v_5.2.pdf [acessado em 14 novembro 2012].

Recieved: Nov, 16, 2016
Approved: May, 29, 2017